

REFLEXÕES SOBRE DESCOLONIZAÇÃO A PARTIR DA OBRA LITERÁRIA ANGOLANA INTITULADA A MENINA VITÓRIA

REFLECTIONS ON DECOLONIZATION BASED ON THE ANGOLAN LITERARY WORK ENTITLED THE GIRL VITÓRIA

Josivando Ferreira da Cruz¹

RESUMO

O estudo fomenta discussões sobre descolonização a partir da obra intitulada *A Menina Vitória* (1965), de Arnaldo Santos. O estudo é de caráter qualitativo e bibliográfico. O marco teórico é constituído por autores como Arnaldo Santos, com a obra *A menina Vitória*, de 1997; Marcelle dos Santos Borges da Silva, com *A menina Vitória e o papel da negritude na autoafirmação do negro*, de 2018; Ana Carolina Menocci, apresentando *O espaço que exclui que exila: uma análise do conto "A Menina Vitória" de Arnaldo Santos*, de 2018 e outros. As leituras impulsionaram reflexões sobre a necessidade de uma educação emancipatória com os princípios humanísticos, pois, percebemos que a colonização deixou marcas nos colonizados, as quais são reverberadas até os dias atuais. Ressaltamos, por fim, que a luta e a resistência perduram constantemente, pois, os resquícios coloniais devem ser combatidos de forma objetiva e subjetiva tanto no âmbito das relações cotidianas e mais ainda no ambiente escolar.

Palavras-chave: Literatura Africana. A Menina Vitória. Descolonização.

ABSTRACT

The study encourages discussions on decolonization based on the work entitled *The Girl Vitória* (1965), by Arnaldo Santos. The study is qualitative and bibliographical. The theoretical framework is constituted by authors such as Arnaldo Santos, with the work *The Girl Vitória*, from 1997; Marcelle dos Santos Borges da Silva, with *The Girl Vitória and the role of blackness in the self-affirmation of black people*, from 2018; Ana Carolina Menocci, presenting *The space that excludes exile: an analysis of the short story "The Girl Vitória" by Arnaldo Santos*, from 2018 and others. The readings stimulated reflections on the need for an emancipatory education with humanistic principles, as we realized that colonization left marks on the colonized, which are reverberated to the present day. Finally, we emphasize that the struggle and resistance persist constantly, as the colonial remnants must be fought objectively and subjectively both in the context of daily relationships and even more so in the school environment.

Keywords: African Literature. The Girl Vitória. Decolonization.

¹ Mestrando em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Fortaleza, Ceará, Brasil. josivando10@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O estudo discute sobre a descolonização, a qual pode ser lida como estratégia de questionar o colonialismo e seus desdobramentos, a partir da obra literária angolana intitulada *A Menina Vitória*, publicada em 1965, com autoria de Arnaldo Santos. As discussões acerca do tema corroboraram na ampliação de conhecimentos que possuem relevância social, pois, a sociedade atual encontra-se ancorada em ideologias conservadoras desde um passado-presente repercutido da colonização escravocrata (XAVIER; RODRIGUES, 2016). A reprodução e naturalização de opressões compõem as relações sociais, e no caso deste estudo, problematiza-se o racismo e seus desdobramentos enquanto foco de discussão fomentado através das literaturas angolanas, centrando-se na obra *A Menina Vitória* (1997), combatente aos ditames coloniais.

Sobre o racismo, Ribeiro (2019) pontua que:

[...] o racismo foi inventado pela branquitude, que como criadora deve se responsabilizar por ele. Para além de se entender como privilegiado, o branco deve ter atitudes antirracistas. Não se trata de se sentir culpado por ser branco: a questão é se responsabilizar (p.36).

Partindo desse preceito, percebe-se a necessidade de iniciativas formativas atreladas às relações étnico-raciais na educação que sejam capazes de colaborar com uma formação consciente e humanizada no âmbito popular e mais ainda no escolar. O racismo, por sua vez, configura-se em formas de opressões reproduzidas diante da ideia de sobreposição racial, supondo-se que o branco e sua cultura seja superior à pessoa negra e tudo que esteja ligado a ela.

Desse modo, para a negritude sobreviver em um modelo de sociedade no qual os ditames eram/são regidos pelas pessoas não negras, visualizava-se a submissão como horizonte, sobretudo de suas vidas estabelecidas nessas tensões societárias que, conseqüentemente, deixava invisibilizadas as raízes ancestrais e identidade racial da população negra. Essa é uma das condições de sobrevivência da negritude diante das estruturas sociais alicerçadas no eurocentrismo, pois, para ascender socialmente é necessário negligenciar a identidade negra.

A negação identitária da negritude é perceptível na obra literária em questão e também faz parte da sociedade atual enquanto práticas de reprodução, embora

avanços tenham acontecidos no que tange aos direitos sociais alinhados aos processos de luta e resistência que perduram em prol do processo de sensibilização das camadas populares através de um ensino descolonial. O ensino descolonial se caracteriza pela implementação de práticas teórica-metodológicas de natureza crítica e humanitária na educação, centrando-se na promoção de conhecimentos atrelados às relações étnico-raciais e antirracistas (MARÇAL, 2012).

Acredita-se que no campo da educação é possível implementar possibilidades de mudanças, pois, práticas e teorias atreladas ao processo de descolonização reverberadas no âmbito do ensino podem ressignificar a aprendizagem de gerações presentes/futuras, gerando, assim, novas formas de se ver o mundo e as sociedades, para além dos modelos eurocêntricos.

Com base no exposto, reforça-se a necessidade de iniciativas que sejam comprometidas com o processo de descolonização, as quais ora consolidadas, como o caso da obra *A Menina Vitória* (1997), e que possibilitem reflexões críticas nos indivíduos. A obra citada apresenta elementos em seu enredo que problematizam a condição de subalternidade destinada aos negros em um modelo de sociedade gerido pelos interesses da colonização, dos brancos. Assim, o processo de marginalização da cultura negra em detrimento da ascensão dos costumes dos brancos reflete em um processo de acultramento acirrado que se opõe ao direito à diversidade e à pluralidade existente entre as pessoas.

Intenciona-se assim, compartilhar reflexões partindo da leitura da obra de Arnaldo Santos, em consonância com outros autores que dialogam sobre as relações étnico-raciais e o processo de descolonização. Ao passo que é discutido sobre descolonização, pensamentos contribuintes na ressignificação dos valores ancestrais e reconhecimento identitário da negritude ganham notoriedade no texto.

Assim sendo, o estudo se desdobra em reflexões da obra de Arnaldo Santos, articulando-a com posicionamentos de outros autores que discutem sobre a mesma temática. As estruturas e os procedimentos que compõem o desenvolvimento procedem nos próximos tópicos, assim como, os resultados alcançados e considerações finais sobre os conhecimentos agregados.

2. A OBRA LITERÁRIA

A obra intitulada *A Menina Vitória*, de 1965, trata-se de um conto literário de autoria do escritor angolano Arnaldo Santos, apresentando em seu enredo discussões de cunho étnico-racial no que tange as correlações de forças baseadas na tonalidade de cor da pele, o branco sobre o negro. Diante dos conflitos e propagação de preconceitos oriundos da colonização, a idealização de um perfil de sujeito sobreposto socialmente consolidou-se, passando a considerar os padrões eurocêtricos como ideal a seguir.

Em um momento em que o negro viveu alienado pela cultura europeia, ele assimilou os ideais forjados pelo homem branco, internalizando o fato de ser socialmente inferior, assim o negro tenta se “embranquecer” para igualar-se com o seu opressor, passando pelo embranquecimento social... (SILVA, 2018, p. 11).

Isso resultou na negligenciação das diversidades que constituem as sociedades africanas, gerando consequências para os territórios colonizados, como o caso de Angola, onde discorre o enredo da narrativa é perceptivo as repercussões do racismo, marginalização da negritude e discriminação de tudo que é relacionado à cultura africana em detrimento da ascensão da cultura europeia. Desse modo, a negação da identidade negra e das matrizes ancestrais africanas passaram a ser reproduzidas nos novos modelos de sociedades agora ancorados nas ideologias europeias, propiciando um processo de alienação/assimilação das camadas populares oprimidas/colonizadas para/com a cultura do colonizador, submetendo-as ao modo de vida do opressor diante de uma sociedade racista, machista e sem princípios humanos.

Com uma mente totalmente dominada pelo europeu, autoafirmar-se como negro era o último dos pensamentos daqueles que, na verdade, queriam ser vistos como brancos. Era impossível mudar a cor da pele, para isso, vestir-se, andar e falar como os brancos era a única forma de se embranquecer socialmente e culturalmente ou chegar perto de serem vistos como brancos (SILVA, 2018, p. 15).

Discussões como essa fazem parte do conto em questão, que por sua vez, surpreende o leitor logo no início, pois diante do título esperava-se que o protagonismo seria destinado a menina Vitória, o que não acontece. Vitória, por sua vez, é vítima do sistema colonial e reproduz opressões de forma internalizada, no que tange a negação

da identidade racial e externalizada a partir da repressão direcionada aos alunos negros (Gigi e Matoso), que por sua vez, são seus conterrâneos.

Olhou-o com desconfiança e depois do primeiro exame mandou-o para uma carteira do fundo da aula, junto de um menino com cara de puco, a quem chamava cafuzo, por ser muito escuro. Mas o menino cafuzo chamava-se Matoso, o que, de início, pareceu ao Gigi insuficiente para justificar o seu mutismo. Vergado na cadeira, não tirava os olhos do livro, nem mesmo quando a menina Vitória se referia a ele, quase sempre com desprezo, ao recriminar outro aluno. «Pareces o Matoso a falar ... », «Sujas a bata como o Matoso ... », «Cheiras a Matoso ...» - e ele guardava-se cada vez mais à carteira, transido por aqueles comentários impiedosos (SANTOS, 1977, p. 40).

O estado de negação da identidade africana surge em decorrência do processo de formação da professora, uma vez que ela estudou fora e teve acesso à educação formal. A menina Vitória nega sua identidade africana ao passo que tenta ser aceita entre os brancos, o que fica explícito diante das suas ações: “A professora da 3ª classe, a menina Vitória, era uma mulatinha fresca e muito empoada, que tinha tirado o curso na Metrópole. Renovava o pó-de-arroz nas faces sempre que tivesse um momento livre...” (SANTOS, 1977, p. 40).

Isso mostra o quanto a colonização deixou marcas e resquícios no meio social, os quais devem ser combatidos. Os conflitos se estenderam para além das relações externas entre colonizador e colonizado, perpetuando-se em no próprio colonizado, que por sua vez, internaliza o colonizador dentro de si, no seu ser.

Ao rejeitar suas raízes ancestrais africanas, a professora almeja a aproximação racial com aqueles que estão no poder, os brancos colonizadores. Santos (1977, p. 40) coloca em discussão questões como: “[...] e durante as aulas gostava de mergulhar os dedos nos cabelos alourados e sedosos de uns meninos que se sentavam nas primeiras filas”, apresentando elementos que mostram a preferência da professora pelas crianças loiras enquanto reprime as que não são, no caso de Gigi e Matoso, que são os únicos alunos negros da turma.

Gigi, por sua vez, configurou-se no personagem principal da história. Embora o título faça referência a menina Vitória, o enredo discorre em volta de Gigi, o qual passa por vivências refletidas pelo preconceito de cor e de linguagem logo no início do conto (MENOCCI, 2018).

Desse modo, percebe-se que a negação e afastamento das origens africanas tornou-se uma das estratégias para sobreviver em um modelo de sociedade

excludente, o colonial. As relações entre Gigi e Vitória revelam os conflitos das camadas sociais marginalizadas reproduzidos até mesmo no ambiente escolar, que por sua vez, deveria ser um ambiente destinado para o combate às opressões, no entanto, torna-se uma zona de confronto e de exclusão.

No conto entre esse não-pertencer está a luta de Gigi em se integrar no espaço da escola e no espaço da sala de aula e deixar de ser humilhado e excluído pela professora. O fato de que ele evita andar com Matoso mesmo gostando do menino, o fato de o fazer imitar a prosa certinha do gosto da professora e o fato de fazer uma redação usando as palavras que a professora usava e do jeito que ela gostava mostra o quanto aquele não-pertencer era dolorido para ele e o quanto ele desejava integrar-se ao meio (MENOCCI, 2018, p. 9).

A obra traz também, fatores de abalo integral do garoto, violações físicas, psíquicas e emocionais. Santos (1977, p. 45) nos remete às reflexões acerca dos abalos do garoto: “E na carteira chorou. Chorou de raiva, da dor que lhe nascia da piedade dos colegas e da vergonha de não poder esconder a sua angústia, com os olhos secos, enxutos, e orgulhosamente raiados de sangue, como os do Matoso”.

Desse modo, notamos que Gigi não se sentia bem no novo ambiente. Na nova escola, sentia-se infeliz. Apesar disso, sempre tentava se adequar às normas impostas pela professora para evitar repressão. Já no caso de Matoso que fazia parte do determinado ambiente escolar antes mesmo da chegada de Gigi, o aluno era consumido pela raiva e rancor diante das experiências opressivas. Tais sentimentos mais tarde, que fariam parte da personalidade de Gigi, como consta no decorrer do conto.

3. METODOLOGIA

O desenvolvimento da pesquisa discorreu no âmbito do Curso de Especialização Interdisciplinar em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab e a Universidade Aberta do Brasil - UAB, polo Fortaleza-CE, no período de 2020 e 2021. O estudo foi desenvolvido mediante os entrelaçamentos de leituras propostas no curso de especialização em consonância com outras experiências formativas repercutidas no âmbito de atividades extracurriculares e pesquisas oriundas para além das sugeridas no curso. As relações cotidianas impulsionaram na execução das

tarefas, pois, diante de vivências em uma sociedade que reproduz diversas formas de preconceito, entre eles, o racismo, explicita a necessidade de iniciativas formativas que afrontem as formas de opressões, no tocante ao fenômeno de estudo, iniciativas que corroborem com o processo de descolonização.

Assim sendo, as discussões foram fomentadas inicialmente no decorrer de disciplinas e estendidas posteriormente no andamento do curso. A partir da mediação docente propuseram-se leituras e diálogos entre os discentes sobre a temática em questão e sua associação com as repercussões das relações étnico-raciais na educação, possibilitando a troca de conhecimentos e experiências diante de uma perspectiva plural, crítica e descolonial.

O marco teórico é constituído por autores como Arnaldo Santos, com a obra *A menina Vitória*, de 1997; Marcelle dos Santos Borges da Silva, com *A menina Vitória e o papel da negritude na autoafirmação do negro*, de 2018; Ana Carolina Menocci, apresentando *O espaço que exclui, que exila: uma análise do conto “A Menina Vitória” de Arnaldo Santos*, de 2018 e outros, caracterizando, assim, o estudo como bibliográfico. Diante do exposto, o trabalho configura-se em fundamentos de caráter qualitativo onde Minayo (2002), salienta que a pesquisa qualitativa consiste em referenciar a construção do conhecimento, incorporando significados as problematizações repercutidas no âmbito das relações e estruturas sociais oriundas da humanidade.

4. DISCUSSÕES SOBRE DESCOLONIZAÇÃO NAS LITERATURAS ANGOLANAS

4.1 LITERATURAS DE COMBATE EM ANGOLA

As questões atreladas aos processos de libertação de Angola se objetificaram diante de iniciativas de luta e resistência da negritude, especificamente angolanos/as através da literatura e manifestações massivas concretas. As mobilizações ocorreram diante de um cenário de opressão oriundo desde a invasão dos colonizadores em Angola, os quais propositalmente estabeleceram um processo de supremacia racial do branco sobre o negro.

Entre as consequências do colonialismo, notificou-se também a imposição cultural, estabelecendo a cultura europeia como perfil a seguir enquanto negligencia a cultura angolana. Diante do exposto, notifica-se a inferiorização da identidade africana/angolana em um novo modelo de sociedade ancorado em ideologias eurocêntricas como forma de garantia de poder e hierarquizações diante dessas relações.

Desse modo, Laranjeira (2009) nos apresenta reflexões atreladas ao processo de luta pela libertação de Angola, datando o período de 1945 a 1956 enquanto marco simbólico de lutas e conquistas obtidas a partir de iniciativas teóricas e práticas da negritude contra o colonialismo. O autor salienta Agostinho Neto e as suas contribuições no processo de libertação de Angola.

A literatura de Agostinho Neto trata de denunciar as injustiças cometidas pelos colonizadores, ao mesmo modo que, reforça a necessidade de rupturas das opressões destinadas aos/às colonizados/as. Assim, para a superação da lógica colonialista, há a necessidade de sensibilização e formação crítica dos/as angolanos/as para com as condições de opressões presentes no seu cotidiano, os quais devem resgatar suas raízes e romperem com o estado de aceitação e naturalização da condição subalterna imposta pelos opressores.

Em suas poesias, em específico, a intitulada *Sábado nos Musseques* (2009), o poeta discorre criticamente sobre a marginalização da negritude angolana em uma sociedade estruturada conforme os interesses coloniais. Com base no elencado, percebe-se que, através da literatura inicia-se um processo de sensibilização e conscientização dos/as angolanos/as ora preocupados/as com a descolonização tanto do território quanto das mentes dos/as seus/suas conterrâneos/as.

Boaventura Cardoso traz em seus escritos *Nostempo de Miúdo* (1982), histórias e memórias de sua infância, explanando em suas vivências, condições de injustiças percorridas em suas aventuras e de seus colegas/amigos. A perseguição das forças militares e maneiras de sobrevivência diante das opressões oriundas da colonização são discutidas em seus escritos.

Ervedosa (s/d) contextualiza acerca de mobilizações contra o colonialismo, como o movimento *Vamos Descobrir Angola*, o qual desejava agregar conhecimentos de Angola e passara a questionar o modo de vida europeu. Assim, pontua-se como entidade frente à luta pela libertação, a *Casa dos Estudantes do Império – CEI*, como

marco contribuinte na liberdade almejada. O *Movimento Popular para a Libertação de Angola – MPLA* simbolizou os avanços da negritude entre a década de 50 a 60, especificamente em 1956 que se constitui e é referência frente à libertação de Angola.

Pepetela (2013) nos propõe em sua literatura reflexões sobre as condições de vida e espaço em que os angolanos existiam e resistiam no período da guerrilha na luta pela independência de Angola. No que se refere ao romance *Mayombe* (2013), o autor apresenta na narrativa, um contexto de luta e resistência em oposição ao regimento colonial, o qual tanto destruiu a ambientação e a natureza da região quanto à vida dos conterrâneos que nela habitavam.

Diante da invasão dos colonizadores que exploraram e destruíram de forma exacerbada os recursos naturais de Mayombe, assim como de todos os territórios que sofreram impactos da colonização, o romance abordara sobre a disposição do lugar para aqueles que também foram oprimidos pelos invasores. Assim, o espaço conciliava-se com os guerrilheiros, concedendo-lhes recursos e condições para assegurar a sobrevivência dos mesmos diante de um período de luta pela independência de Angola.

Diante do exposto, salienta-se que as narrativas explicitadas giram em torno dos desdobramentos da colonização, evidenciando as divergências e injustiças reproduzidas na sociedade e a necessidade de iniciativas capazes de combatê-las e que corroborem no alcance da liberdade de Angola. Nas narrativas percebe-se o desejo e a esperança de haver no futuro uma sociedade mais justa e igualitária, com uma nação unida após a conquista da libertação.

As literaturas angolanas em consonância com o processo de descolonização instrumentalizam a luta e a resistência pela libertação, ao mesmo tempo em que, entrelaça experiências dos/as autores/as com a realidade de vida dos angolanos, ou seja, a relação das histórias de vidas ora se cruza diante de situações de injustiça oriundas da colonização. Com isso, surge à revolta, juntamente com a esperança de haver dias melhores em um futuro promissor, o qual se sobrepõe as ideias atreladas ao sistema de sociedade regido pelo eurocentrismo.

Discussões desse tipo ganham notoriedade em diversos setores sociais, dentre eles, no ambiente escolar. Como o caso do conto literário intitulado *A Menina Vitória* (1977), de Arnaldo Santos.

4.2 REFLEXÕES SOBRE A MENINA VITÓRIA

Discussões sobre descolonização devem fazer parte dos espaços formativos, principalmente no ambiente escolar, que por sua vez, configura-se em um ambiente destinado para a formação cidadã e também o estabelecimento de harmonia nas relações sociais. No entanto, quando os direitos humanos são visualizados como inferiores e não pautados em discussão e formação, a escola, conseqüentemente como reflexo da sociedade, pode se tornar uma zona de conflitos diante da negação daquilo que rompa com o padrão, onde a propagação de ideologias conservadoras pode ser reverberada em cena, como o caso apresentado na obra *A Menina Vitória* (1977).

O conto problematiza a construção do conhecimento com base no assimilacionismo, contextualizando a história da negligência identitária referente a negritude ao discorrer sobre determinadas passagens em que uma professora negra nega suas raízes ancestrais em detrimento de um perfil de cidadão regido pela colonização, o europeu. Arnaldo Santos (1977) tratara também da relação opressor e oprimido, pensando esta dicotomia como forma de visibilidade de uma sociedade marcada pelo antagonismo e polarização, através dos seus escritos colaborando para uma literatura que estivesse engajada com a realidade social em meio as suas tensões.

A menina Vitória, ao mesmo tempo em que é alvo de opressão, acaba reproduzindo esse comportamento de modo semelhante, no caso, com dois estudantes negros, Gigi e Matoso. Desse modo, pontua-se a questão do assimilacionismo em que a cultura europeia domina tanto o território quanto a mente dos/as colonizados/as, uma vez que, uma parte destes, já assumira para si, costumes dos colonizadores, de modo que suas raízes históricas ficam em segundo plano.

Desse modo, percebe-se que a luta pela liberdade continuara para além dos entraves objetivos, pois era necessário alcançar estratégias de resistência contra a ordem colonial subjetivada nos/as colonizados/as. O processo de sensibilização era preciso, para então, proceder-se com uma formação crítica dos indivíduos sobre a realidade de vida subalterna destinada aos/as negros/as em uma sociedade estruturada conforme os interesses coloniais. Partindo desse preceito, tanto Arnaldo Santos (1977) quanto os/as demais escritores/as que compõem este estudo

apresentam reflexões sobre as articulações necessárias, pensadas e formuladas para driblar a ordem colonial, seja através de ações concretas, como o caso do desenvolvimento do MPLA, seja através de iniciativas cautelosas, tais como as literaturas angolanas enquanto instrumento de denúncia das injustiças sociais e busca por uma possível sensibilização para/com seus conterrâneos.

Assim, Arnaldo Santos (1977) recorreu às estratégias literárias para registrar e socializar situações que o inquietavam, como assimilacionismo expressado pela menina Vitória, apresentando no contexto do conto, processos de alienação ideológica. Desse modo, percebemos que a obra não trata da reprodução de uma literatura incoerente, sem conexão com a realidade de vida da negritude angolana.

Com base nisso, Arnaldo Santos (1977) apresenta em sua narrativa a função social e compromisso com um modelo de sociedade mais justo através de uma leitura crítica. Como se trata de um período marcado por lutas e resistência anticolonial, seus escritos devem assumir compromisso com e em prol dos oprimidos.

Sousa (2018) salienta que as relações humanas nos diversos setores da sociedade e principalmente no âmbito escolar, podem e devem ter um caráter inovador, atribuindo novos significados no tanger do processo de ensino e aprendizagem. O autor aponta que a literatura possui uma parcela significativa na construção e desconstrução de conceitos, como o caso da forma em que Arnaldo Santos (1977) apresenta em seus escritos, estratégias que consolidam a associação da realidade de vida imposta a/os angolanos/as, configurando sua obra em uma forma de denúncia das injustiças oriundas da colonização.

Na obra *A Menina Vitória* (1977), a maneira em que o enredo é apresentado resgata a necessidade da valorização e reconhecimento da nacionalidade de Angola. Torna-se perceptível que as tradições e a ancestralidade são marginalizadas, situações expressas e notificadas a partir da relação do narrador, personagens e leitor, refletindo conceitos atrelados aos conflitos existentes nas sociedades mediante ao racismo estruturado em seus modelos.

Diante das leituras realizadas e reflexões partilhadas, percebe-se que os/as diferentes autores/as que compõem este estudo propiciam, através das suas literaturas, o compromisso com suas raízes ancestrais. Os laços de pertencimento, das suas raízes históricas para/com o continente africano e em especial a Angola ganham relevância no campo literário.

A sensação de pertencimento e valorização da sua região, da sua gente, das suas tradições configura-se em iniciativas de combate ao colonialismo. Assim, as raízes ancestrais atreladas à africanidade são fortalecidas ao passo que ganham espaço e visibilidade no meio social.

Arnaldo Santos (1977) nos possibilita um olhar crítico voltado para a propagação do racismo no ambiente escolar, o que desnuda as contradições oriundas do sistema colonial. Ao passo que o autor nos chama atenção para essa questão repercutida na escola, contribui também no processo de desconstrução de estereótipos pejorativos oriundos da colonização para com a cultura africana/angolana, pois a educação é/deve ser universal, plural e comprometida com todos/as, e não apenas com uma parcela branca da sociedade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar as leituras acerca da Literatura Angolana, tomando como partida o conto de Arnaldo Santos (1977), percebe-se as pretensões de um futuro almejado, idealizando-se uma sociedade emancipada com princípios humanísticos mediante o rompimento da colonização no decorrer das lutas, resistências e conquistas que, supostamente se estenderiam até a independência, entretanto, os conflitos ainda perduraram. Com base nisso, reflexões sobre os entraves travados tanto na obra *A Menina Vitória* (1977) quanto nas demais contextualizadas neste estudo, discorrem sobre as esperanças tanto do território angolano quanto da negritude em conquistar a independência e livrar-se das opressões de um sistema ancorado nas ideações da colonização.

Nas leituras é possível perceber os avanços e conquistas em prol da libertação de Angola, do povo angolano e da África das garras dos colonizadores. É notório ainda que a conquista da independência não foi o evento suficiente para propiciar uma liberdade integral dos impactos da colonização, pois era/é preciso descolonizar também a mente dos colonizados. Como Pepetela (2013) apresentara em sua obra, um contexto de recortes que se entrelaçam durante a transição de tempo de luta pela independência e situação pós-independência, relacionando os planos almejados para uma nação unida, que, infelizmente, reproduzira tanto internamente quanto externamente as ideações coloniais.

Pode-se dizer até que houve decepções daqueles/as que tanto objetivaram uma nação emancipada, chegando à descrença em uma geração utópica, gerando sentimentos de insatisfação ao se deparar com sonhos corrompidos e a ascensão de uma distopia. Assim, as obras analisadas problematizam subjetivamente a necessidade da construção de uma sociedade mais justa e igualitária, ao passo que expõe a realidade objetiva de falhas na formação do ser humano, especificamente, o corrompimento do oprimido para assumir o perfil do opressor, do colonizador.

Os/as autores/as discorrem em suas obras as condições de (sobre)vivência, de luta/resistência daqueles/as que almejam uma sociedade liberta diante das iniciativas anticoloniais travadas. A literatura simboliza a instrumentalização de uma guerra da negritude travada diante de um cenário social dominado pelo branco, assumindo assim, o compromisso com o processo de independência. Assim, o campo literário angolano em consonância com as ações de resistências dos oprimidos se entrelaçam na intenção de superar a lógica colonial.

Outro fator relevante após um período de independência é a *Casa dos Estudantes do Império – CEI*, que simboliza a continuidade da luta e resistência na decadência do período colonial, no entanto, os embates continuam em volta das ideologias eurocêntricas internalizadas nos indivíduos. O espaço corroborou na formação crítica de pensadores/as, escritores/as e guerrilheiros/as da negritude em prol do rompimento de ideologias coloniais que eram reverberadas no meio social.

No tocante *A Menina Vitória* (1977), salienta-se que a escola, por sua vez, não assumiu o seu papel social, mas configurou-se em um espaço de alienação e doutrinação colonial. O ambiente escolar torna-se contraditório, pois, enquanto espaço que discorre conflitos e decepções de um racismo internalizado e reproduzido por uma parte da própria negritude (como o caso da menina Vitória), a qual desconsidera os esforços e sangue derramado daqueles/as que lutaram contra a colonização na intenção de alcançar uma sociedade justa e igualitária.

Salienta-se, por fim, que as leituras impulsionaram reflexões sobre a necessidade de uma educação emancipatória com os princípios humanísticos, pois, percebemos que a colonização deixou marcas nos colonizados, as quais são reverberadas até os dias atuais. Ressaltamos que a luta e a resistência perduram constantemente, pois, os resquícios coloniais devem ser combatidos de forma objetiva e subjetiva tanto no âmbito das relações cotidianas e mais ainda no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

- CARDOSO, Boaventura. “Nostempo de miúdo” (conto). In: **Dizanga dia muenhu**. São Paulo: Ática, 1982.
- ERVEDOSA, Carlos. A década de 60. Literatura e guerrilha. In: **Roteiro da literatura angolana**. Luanda: União dos escritores angolanos, 4ª. Edição, s/d., p. 107-118.
- LARANJEIRA, Pires. “A poesia de Agostinho Neto como documento histórico: ...”. In: **Agostinho Neto – Sagrada Esperança / Renúncia Impossível / Amanhecer**. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 2009.
- MARÇAL, José Antônio. **A formação de intelectuais negros(as):** políticas de ação afirmativa nas universidades brasileiras. Belo Horizonte: Nandyala, 2012.
- MENOCCHI, Ana Carolina. O espaço que exclui, que exila: uma análise do conto “A Menina Vitória” de Arnaldo Santos. **Revista de Linguagem, Cultura e Discurso**, Mestrado em Letras – UNINCOR, 2018. Disponível em: <<http://periodicos.unincor.br/index.php/memento/article/view/4449>>. Acesso em: 21 out. 2021.
- MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- NETO, Agostinho. “Sábado nos musseques”; “Para além da poesia”; “Aspiração” (3 poemas). In: **Sagrada Esperança / Renúncia Impossível / Amanhecer**. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 2009.
- PEPETELA. **Mayombe**. São Paulo: Editora Leya, 2013.
- RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das letras, 2019.
- SANTOS, Arnaldo. **A menina Vitória**. In: **Prosas**. Luanda: UEA, 1977.
- SILVA, Marcelle dos Santos Borges da. **A menina Vitória e o papel da negritude na autoafirmação do negro**. 2018. Disponível em: <http://www.revistadoisat.com.br/numero11/2%20Marcelle_Menina.pdf>. Acesso em: 21 out. 2021.
- SOUSA, Marcio Jean Fialho de. O discurso educacional e a propagação de (pre)conceitos. **Revista A Cor das Letras**, dos Programas de Pós-Graduação do Departamento de Letras e Artes da UEFS, Feira de Santana, v. 19, n. 3, p. 70-77, 2018. Disponível em: <<http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasleytras/article/view/3702>>. Acesso em: 21 out. 2021.

XAVIER, Lisimére Cordeiro do Vale; RODRIGUES, Rui Martinho. Quibungo capoeira em Ocara-CE: patrimônio, cultura e educação. In: **Políticas culturais e educacionais étnico-raciais em Ocara-CE: gestão, participação e inclusão**. Fortaleza: Imprece, 2016.